



TERÇA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2024

O ESTADO DE S. PAULO

Publicado desde 1875

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1981)
FRANCISCO RANGEL PESTANA (1875-1980)
JULIO MESQUITA NETO (1913-1977)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1913-1988)
FRANCISCO MESQUITA (1913-1988)LUIZ CARLOS MESQUITA (1912-1970)
JOSE VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1913-1977)
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1987)
RUY MESQUITA (1917-2013)CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRESSUM MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO DE MESQUITA
LUIZ CARLOS ALMEIDA
RODRIGO LARA MESQUITADIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
FLORES DE CARVALHO
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS DUTRADIRETORA JURÍDICA
MAYARA VIANA DAMPAZ
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULA COSTA PEREIRA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MALQUEIRO MOREIRA

A3

NOTAS E INFORMAÇÕES

O valor da
'preocupação' de Lula

Lula afinal manifesta crítica à notória farsa da eleição na Venezuela, mas que ninguém se iluda: petista nunca esteve nem está preocupado com a qualidade da democracia naquele país

N a quarta-feira, pela primeira vez um governo lulopetista acrescentou um grão de sal à sua amizade fraterna com a ditadura chavista na Venezuela. O Itamaraty manifestou "preocupação" após Caracas impedir a inscrição de uma candidata de oposição, Corina Yoris. No dia seguinte, foi a vez de o presidente Lula da Silva arrastar o tabu. Em entrevista coletiva, Lula se disse "surpreso". "É grave", declarou, "não tem explicação jurídica e política."

Yoris era só uma candidata-tampão

para substituir alder nas pesquisas, Maria Corina, inabilitada pelo Judiciário fantecho do chavismo. O Itamaraty foi duro ao condenar as sanções internacionais ao regime de Nicolás Maduro, mas suave ao condenar esse mesmo regime. A rigor, nem sequer o condenou, reiterando sua crença de que seria possível fazer da eleição de julho, desde já injusta, "um passo firme para que a vida política se normalize e a democracia se fortaleça na Venezuela".

Esse inacreditável atestado de pusilanimidade está em linha com a reticência do chefe petista em rasgar a

fantasia e confessar que o rei está nu. Tanto que Caracas conseguiu sustentar seu jogo duplo e enxovalhar o Itamaraty como laço dos EUA, mas ainda assim agradecer a Lula pelas "expressões de solidariedade" e pela condenação "às sanções que o governo dos EUA impôs ilegalmente".

Longe de ser exceção, a perseguição a opositores é há décadas uma regra de aço num regime que sistematicamente oblitera candidatas da oposição, inabilitando-os, prendendo-os ou forçando-os ao exílio. Mesmo assim, ainda em março, Lula — que já disse que a Venezuela é democrática até demais, porque "tem mais eleições que o Brasil" — se disse "muito tranquilo", permitindo-se equiparar o processo judicial de inabilitação de Maria Corina ao seu em 2018 e ainda recomendar a ela que parasse de "chorar" e escolhesse um substituto. Foi o que ela fez, mas essa candidata foi barrada por misteriosos "problemas técnicos" no prazo para a inscrição.

Se o governo anda "preocupado" não é por ter se dado conta de que as eleições na Venezuela não são livres nem justas. O que talvez tenha deixado Lula "surpreso" é que agora o regime nem sequer se dá ao trabalho de salvar as aparências e maquiagem o pleito como "livre e justo".

Até então, cada declaração de Lula sobre Maduro embutia seu aval ao regime chavista. Foi assim quando o recebeu com pompa e circunstância na reunião da Unasul ou quando declarou o conceito de democracia "é relativo". Lula já afirmou que o único problema do regime chavista é uma comunicação inocente. Ele seria "vítima de uma narra-

tiva de antidemocracia e autoritarismo", disse Lula, ao lado de Maduro. "É preciso que você construa a sua narrativa e eu acho que, portado o que conversamos, a sua narrativa vai ser infinitamente melhor do que a que eles têm contado contra você."

Mas quando o regime se recusa até a encenar a pantomima judicial e forjar um alibi "jurídico e político" para sua delinquência, aí nem os fabulosos marqueteiros do PT dão jeito. Tanto mais que as pesquisas indicam que a população brasileira e seus representantes estão fartos de ver o governo lulopetista usando o Estado brasileiro para bajular a frente ampla autocrática internacional que tanto apressa a Lula. Talvez esse clima também tenha surpreendido Lula, obrigando sua chancelaria a balbuciar sua "preocupação".

Mas a prova de que esse é só mais um jogo de cena fabricado por mera conveniência político-eleitoral, que em nada altera a dogmática petista, foi a nota de entusiasmo efusivo do PT com a eleição do autocrata russo Vladimir Putin, seguida por um acordo de cooperação com o Partido Comunista de Cuba, os dois sustentáculos do Estado policial do "companheiro" Maduro.

Nas eleições de 2013, Lula veio a público dar seu testemunho aos venezuelanos: "Maduro presidente é a Venezuela que Chávez sonhou". Sem dúvida. O diabo é que esse sonho é um pesadelo para os quase 8 milhões de venezuelanos que fugiram do país, enquanto 90% dos que ficaram amargam a extrema pobreza, a violência arbitrária do regime ea absoluta falta de liberdade. Para essa realidade, Lula está muito longe de despertar. ■

A ameaça de
Putin à Otan

Cresce a possibilidade de que a Rússia lance um ataque à aliança ocidental em breve. Diante disso, mais do que nunca é crucial que o Ocidente impeça os russos de vencer na Ucrânia

O Ministério da Defesa dinamarquês alertou que dados de inteligência indicam que a Rússia pode tentar atacar um país da Otan entre três e cinco anos. O presidente polonês, Andrzej Duda, disse que Vladimir Putin está intensificando esforços para engendrar uma economia de guerra e atacar em 2026 ou 2027. Prazos bem mais curtos do que os estimados pela Otan em 2023.

Com efeito, o Ministério da Defesa em Moscou anunciou iniciativas para robustecer a capacidade militar russa. Mesmo sem um risco financeiro iminente, Putin advertiu as oligarquias russas de medidas penosas para garantir uma estabilidade financeira de longo prazo, sinal de que os gastos bélicos seguirão escalando. São só alguns dos

indicadores econômicos e militares coligidos pelo Instituto para o Estudo da Guerra (IFW, na sigla em inglês) sugerindo que a Rússia se prepara para um conflito em larga escala com a Otan. Ampliação ou redução do risco depende visceralmente dos desdobramentos na Ucrânia.

"A Rússia não tem suficiente capacidade militar para atingir seus objetivos maximalistas se a vontade de lutar da Ucrânia persistir com o apoio do Ocidente", constata o IFW. O PIB dos países da Otan e seus aliados ultrapassa US\$ 63 trilhões. O da Rússia é de US\$ 1,9 trilhão. Somando-se o de seus aliados (Bielorrússia, Coreia do Norte e Irã), são US\$ 2,4 trilhões. Mesmo com a China (bem mais ambígua), o total não chega a US\$ 3 trilhões. Assim, para o Kremlin, "um dos poucos

meios, possivelmente o único, de diminuir a lacuna entre os objetivos da Rússia e os meios da Ucrânia" é "degradar a capacidade decisória" do Ocidente.

A estratégia se baseia no que os soviéticos chamavam de "controle reflexivo". A técnica consiste em excitar temores irracionais e saturar a opinião pública do oponente com falsas premissas para induzi-lo a chegar a falsas conclusões e tomar livremente decisões contrárias a seus próprios interesses. Em relação à Ucrânia, a meta é consolidar as seguintes percepções: a Rússia tinha o direito de controlar a Ucrânia; sua invasão foi provocada por Kiev e a Otan; sua vitória é inevitável; resistir a ela levará inevitavelmente a uma escalada e uma guerra com a Otan; e a rendição da Ucrânia é o único caminho para uma paz duradoura. Para cada uma dessas asserções, a verdade é o exato oposto.

Os ucranianos de senovlveram antecorpos contra a realidade paralela fabricada pelo Kremlin. Mas o Ocidente, seja por seus pendores pacifistas, seja pela incompreensão da real ameaça russa, se mostra suscetível. Após a invasão da Ucrânia em 2014, o Ocidente raciocinou conforme as premissas do Kremlin, fazendo todo tipo de concessões. Em 2023, a invasão em larga escala da Ucrânia restaurou sua clareza estratégica, os ocidentais ajudaram Kiev

a abater as ambições iniciais da Rússia. Desde então, o Kremlin redirecionou esforços para distrair, confundir e provocar a autodissolução do Ocidente, retardando a entrega de dinheiro e armas à Ucrânia e a coordenação de uma estratégia de longo prazo da Otan. Isso não altera a realidade: o custo de uma vitória de Putin será catastrófico. Os riscos de escalada nuclear e confronto com a Otan só aumentam.

Hoje, os desafios do Ocidente são mais fáceis de solucionar que os da Rússia. Mas essa vantagem não é permanente e sua erosão será proporcional à demora em admitir que a Ucrânia é só a linha de frente da guerra de Putin contra o mundo livre.

O caminho para uma paz duradoura não é um alívio instantâneo e ilusório da guerra, mas a vitória da Ucrânia, a restauração de sua soberania e a consolidação de sua democracia, integrando-a à União Europeia e instalando o maior efetivo militar do continente na linha de frente das defesas da Otan. O Ocidente pode (do ponto de vista econômico e militar) e deve (do ponto de vista moral, para fazer justiça aos ucranianos, e geopolítico, por seu autointeresse) trilhar este caminho. Mas, primeiro, precisa se conscientizar desse poder e desse dever e, depois, precisa agir. No momento, não há nem essa clareza nem essa resolução. ■

